

## Do palco para as ruas: O *rap* como impulsionador das manifestações cívicas em Angola

Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo mostra o papel do *rap* como impulsionador de manifestações cívicas em Angola. O texto aborda o *rap* desde o seu início no país, no começo dos anos 1990. Será visto que a vertente de intervenção no *rap* local surgiu no final da década de 1990. O governo respondeu a esse ativismo com violência, sobretudo com o assassinato do lavador de carros “Cherokee”, em 2003, cometido por agentes da guarda presidencial, quando a vítima estava reproduzindo uma música de *rap*. Este texto tem especial atenção com o período posterior a 2011, quando iniciaram as ações de rua. 17 ativistas estiveram presos entre 2015 e 2016, por debaterem um livro revolucionário. Entre esses, quatro são *rappers*. A divulgação dessas detenções contribuiu para pressões que culminaram com o fim do ciclo de José Eduardo dos Santos (1979-2017) na presidência. O texto ainda traz a opinião de *rappers* sobre a sucessão presidencial.

**Palavras-chave:** *Rap*, manifestações, ativismo, repressão, Angola.

### Abstract

This article evidences the role of rap as a propeller of civic manifestations in Angola. The text comprehends rap ever since its beginnings in the country, at the start of the 1990s. It will be seen that the interventionist genre in local rap was born at the end of that decade. The government’s response towards this activism was violence, above all the assassination of car washer “Cherokee”, in 2003, committed by agents from the president’s guard because the victim was singing a rap song. This text brings special attention to the period that follows 2011, a point which marks the beginning of several

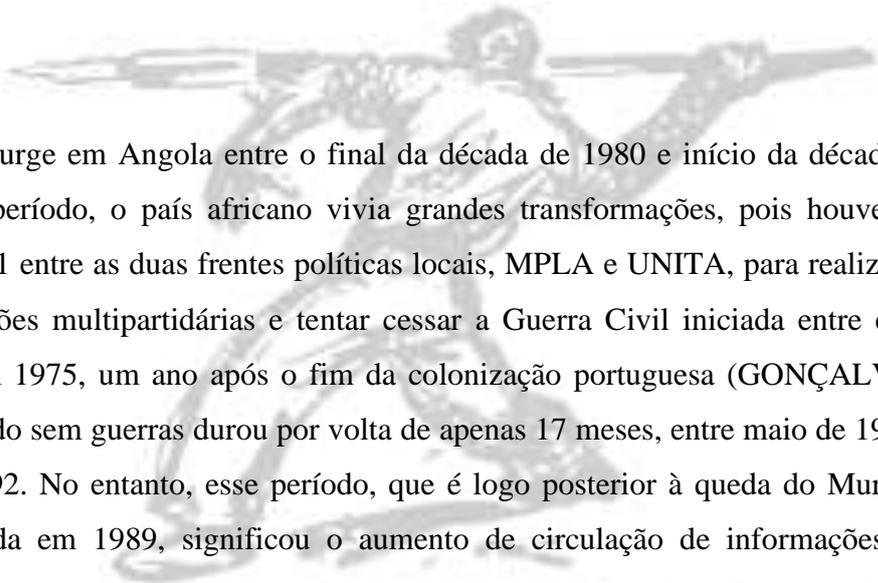
---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, além de rapper, jornalista e produtor cultural.

street protests. 17 activists were arrested in between 2015 and 2016, for discussing a revolutionary book. Among them, four are rappers. The disclosure of these detentions has contributed to pressures that culminated in the termination of José Eduardo dos Santos' presidency (1979-2017). The text also brings the opinion of rappers on the presidential succession.

**Keywords:** Rap, manifestations, activism, repression, Angola.

## Introdução



O *rap* surge em Angola entre o final da década de 1980 e início da década de 1990<sup>2</sup>. Nesse período, o país africano vivia grandes transformações, pois houve um acordo em 1991 entre as duas frentes políticas locais, MPLA e UNITA, para realizar as primeiras eleições multipartidárias e tentar cessar a Guerra Civil iniciada entre essas duas forças em 1975, um ano após o fim da colonização portuguesa (GONÇALVES, 2004). O período sem guerras durou por volta de apenas 17 meses, entre maio de 1991 e outubro de 1992. No entanto, esse período, que é logo posterior à queda do Muro de Berlim, ocorrida em 1989, significou o aumento de circulação de informações em Angola, devido ao surgimento de veículos de comunicação privados (CUNHA, 2013). Adicionalmente, houve o retorno de estudantes e de trabalhadores angolanos que estavam na Alemanha Oriental.

Nesse período, os acontecimentos ocorridos no exterior começam a influenciar o cenário cultural angolano e entre as novidades está o surgimento do *rap*. Ausente de críticas em seu início e com grande apelo midiático até mesmo dos veículos de comunicação estatais, o *rap* só passa a ter um viés interventivo no final da década de

---

<sup>2</sup> Informação colhida com entrevistas aos *rappers* Flagelo Urbano e MCK.

1990, sobretudo, com o surgimento do grupo Filhos D'ala Este<sup>3</sup>. Esse grupo influenciou uma geração de *rappers* de intervenção social, críticos ao regime de José Eduardo dos Santos, que esteve no poder entre 1979 e 2017.

O foco deste texto é apresentar os impactos dessa geração de *rappers* de intervenção social. Em um primeiro momento, será visto que o ativismo desses artistas se restringiu a música. Ainda assim, o regime angolano não aceitou essa forma de contestação e logo atacou com forte repressão. A morte do lavador de carros Arsénio Sebatião, o “Cherokee” simboliza esse período. Ele foi assassinado em 2003 em praça pública, por agentes da guarda presidencial, por estar reproduzindo a música “Trincheira de Ideias”, do *rapper* MCK. Apesar da forte repressão, MCK prosseguiu a carreira, com forte apoio internacional, e ainda inspirou outra geração de artistas críticos que surgiram nos anos seguintes ou que já atuavam e se encorajaram para gravarem seus primeiros discos<sup>4</sup>.

O ativismo restrito ao campo musical passou a incomodar alguns dos *rappers*, que desejavam uma postura mais radical, em busca de mudanças efetivas no quadro político de Angola, por isso, decidiram manifestarem pelas ruas de Luanda, a capital do país. Esse será o foco principal do artigo: perceber como os *rappers* atuam como promotores de manifestações sociais, levando para as ruas as vozes dos angolanos insatisfeitos com os abusos do regime angolano. Essa mudança de local de atuação, do “palco” para a “rua”, tem como marco inicial um convite feito pelo *rapper* Ikonoklasta no *show* do *rapper* Bob da Rage Sense, ocorrido em 27 de fevereiro de 2011 (AGUALUSA, 2012). Também conhecido pelo seu nome próprio (Luaty Beirão), Ikonoklasta convocou uma passeata para o dia 07 de março de 2011 (*ibidem*). Angola não registrava uma manifestação de rua desde 27 de maio de 1977, quando o então presidente Agostinho Neto ordenou a morte de 20 a 80 mil pessoas, por estarem realizando essa ação. Desde então, o silêncio prevaleceu no país, devido ao medo de repressões com semelhantes proporções.

O ato agendado para o dia 07 de março de 2011 foi impossibilitado de acontecer, pois a polícia deteu os 12 manifestantes presentes no ato, incluindo Ikonoklasta e três

<sup>3</sup> Informação colhida em palestra do *rapper* Ikonoklasta, o Luaty Beirão, em 17 de dezembro de 2017, na cidade de Coimbra, em Portugal.

<sup>4</sup> Informação colhida em entrevista com o *rapper* MCK.

jornalistas (BLANES, 2016). Ainda assim, os ativistas continuaram organizando manifestações e convivendo com violência de jatos de água, cães e cacetetes em cada ação realizada na rua<sup>5</sup>. O ato mais violento foi o desaparecimento e posteriores assassinatos dos ativistas Isaías Cassule e Alves Kamulingue em 27 de maio de 2012, ocasião em que relembavam o genocídio de 1977 (OLIVEIRA, 2013).

Em meio a essas violações de direitos, o *rap* esteve presente constantemente como ferramenta de denúncia, para ampliação das vozes desses manifestantes, mostrando que a “bala dói” (referência a uma música de MCK e Ikonoklasta), mas que eles não estão dispostos a se calarem ou cessarem as lutas. Entre os ativistas mais presentes dessa geração de precursores nas manifestações cívicas, pelo menos seis tinham a música *rap* como uma das principais armas de denúncia: Ikonoklasta, Carbono Casimiro (*in memoriam*), Drux-P, Cheick Hata, Hitler Samussuku e Mbambi, esses três últimos compõem o Movimento Extremista Terceira Divisão.

O convívio contínuo com as violações gratuitas e sem limites motivou os ativistas a mudarem de estratégias. Eles começaram a promover reuniões e debates, para decidirem métodos para realizarem uma revolução pacífica em Angola. Apesar de o pacifismo ser tido como fundamental entre os ativistas, 15 deles foram presos em junho de 2015 (CENTRAL ANGOLA 7311, 2016). Entre eles, estavam quatro *rappers*: Ikonoklasta, Drux-P, Cheick Hata e Hitler Samussuku. Posteriormente a detenção das 15 pessoas, também foram detidas as ativistas Rosa Conde e Laurinda Gouveia (*ibidem*).

Este artigo ainda destaca uma música do *rapper* brasileiro GOG, gravada durante a prisão dos ativistas, para refletir sobre o envolvimento do Brasil no caso, que apesar de ter sido pequeno, foi importante para difundi-lo. Ainda em relação entre a prisão e a dimensão internacional alcançada, será visto que a divulgação internacional influenciou na intervenção de instituições internacionais, até que os ativistas foram soltos em junho de 2016.

O texto ainda trata da pressão sofrida por José Eduardo dos Santos, para deixar o cargo, traçando uma relação dessa pressão com a detenção dos ativistas. O presidente esteve no poder desde 1979, mas sofreu pressão internacional, após a série de denúncias

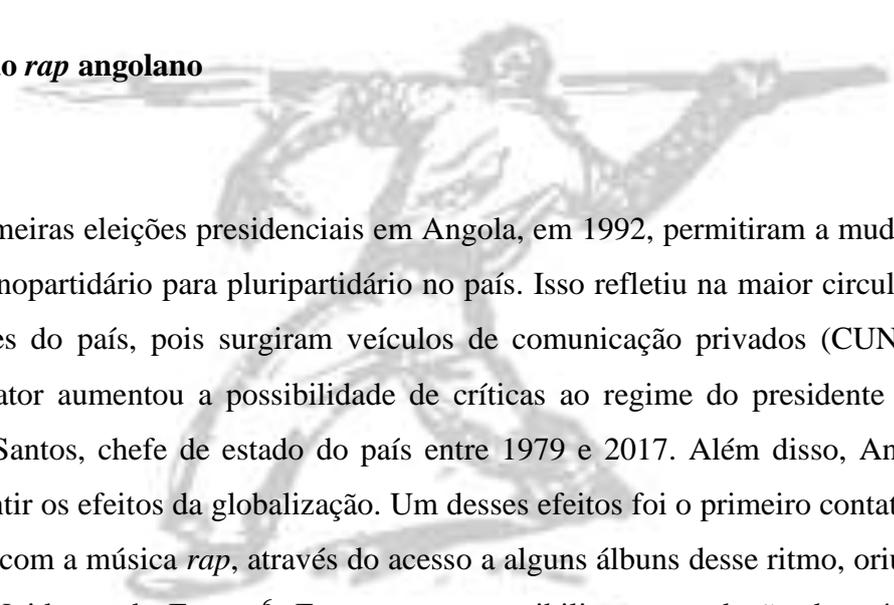
---

<sup>5</sup> Informação colhida em entrevistas com os *rappers* Cheick Hata e Drux-P.

geradas a partir do caso e resolveu não tentar reeleição no pleito eleitoral de 2017. O artigo ainda contribui para uma reflexão feita pelos *rappers* sobre o período posterior ao mandato de José Eduardo, no qual os artistas observam melhorias, mas ainda não se mostram complementamente esperançosos em mudanças estruturais efetivas.

As últimas partes do artigo são direcionadas a analisar as contribuições do grupo Movimento Extremista Terceira Divisão e do *rapper* Drux-P, no âmbito do *hip-hop*. Isso porque, quando é feita a relação entre o *rap* e as manifestações cívicas em Angola, há sempre um privilégio na imagem de Luaty Beirão, ponto que é problematizado até pelo próprio Beirão. Assim, busca-se avaliar o papel das músicas de outros artistas que estiveram presos, para mostrar a contudência das suas letras e narrar as suas trajetórias.

### Surgimento do *rap* angolano



As primeiras eleições presidenciais em Angola, em 1992, permitiram a mudança do regime monopartidário para pluripartidário no país. Isso refletiu na maior circulação de informações do país, pois surgiram veículos de comunicação privados (CUNHA, 2013). Esse fator aumentou a possibilidade de críticas ao regime do presidente José Eduardo dos Santos, chefe de estado do país entre 1979 e 2017. Além disso, Angola começou a sentir os efeitos da globalização. Um desses efeitos foi o primeiro contato de alguns jovens com a música *rap*, através do acesso a alguns álbuns desse ritmo, oriundo dos Estados Unidos e da Europa<sup>6</sup>. Esse contato possibilitou a produção de músicas locais nesse estilo. Paralelo a isso, já existia um grupo de angolanos na Alemanha, denominado SSP (South Side Posse), que teve o trabalho lançado em Angola no ano de 1992.

Os primeiros grupos de *rap* angolano retratavam questões do cotidiano e não se aprofundavam na política. O surgimento do grupo Filhos D'ala Este, em 1999, representa uma reconfiguração desse quadro. O grupo lançou o EP Bootleg com mensagens intervencionistas mais diretas e citando os nomes dos políticos de Angola.

---

<sup>6</sup> Informações colhidas em entrevista com MCK.

Se perceberes o contexto do silêncio pelo medo compreenderás quão importantes foram ao chegar com uma mensagem tão direta e inequívoca em 1999 e de como devem ter influenciado aqueles que achavam suicida o que faziam chamando os bois pelos nomes. Obviamente que era pouco mais de algumas centenas de pessoas a quem, pelo passa palavra, essas músicas chegaram. Mas foi absolutamente nova a audácia com que se atiravam à intocável classe dirigente. A coragem tem sempre o condão de inspirar (IKONOKLASTA (*rapper*), entrevista via *whatsapp*, 28 Dezembro 2016).

Depois da iniciativa dos Filhos D'ala Leste, outros jovens passaram a expor, através do *rap*, os problemas políticos vividos, fazendo com que o ritmo se tornasse uma das principais formas de combate ao regime do presidente José Eduardo dos Santos. Em 2002, o *rapper* MCK lançou o seu primeiro álbum, com diversas críticas ao governo do MPLA, intitulado de “Trincheira de Ideias”. O seu nome é Katrogi Nhangwa Lwamba, mas ele também utiliza os nomes artísticos MC Kappa ou Katro. Na música “A Técnica, as Kausas e as Konsekuencias”, ele apresenta diversos problemas estruturais da política angolana, bem como denuncia a manipulação das massas, através de uma estratégia em conjunto entre o governo e os meios de comunicação. MCK denota, dessa forma, um novo sentido para a sigla do partido no poder, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Além de criticar o papel dos meios de comunicação, Katro intitula o partido de Manipulação Popular de Lixamento Angolense no seguinte verso: “Como a massa desconhece a técnica da M.anipulação P.opular de L.ixamento A.ngolense/ Ninguém sente o peso da algema/ Cultivam em ti o medo que semearam nos teus pais/ As tuas atitudes dependem da rádio e da televisão”.

As canções de MCK inspiraram muitos jovens a reproduzir as suas letras pelas ruas de Luanda, a capital do país. Um deles foi o lavador de carros Arsénio Sebastião, o “Cherokee”. Ele foi morto em 26 de novembro de 2003 no centro de Luanda, por estar reproduzindo a música “A Técnica, as Kausas e as Konsekuencias”, também conhecida como o “Sei lá o quê, uáué”. Os soldados da Unidade de Guarda Presidencial (UGP) foram os responsáveis pelo assassinato e o intuito foi servir de medida exemplar, para que outras pessoas não se rebelassem contra o governo local (MORAIS, 2013).

Apesar dessa pressão, MCK recebeu vários apoios de ONG's internacionais e membros do Movimento Hip Hop, chegando a cantar na América do Sul, Europa e outros países da África. Kappa seguiu a carreira, mesmo diante da pressão. Ainda nos

2000, surgiram outros nomes no cenário do *rap*, como Kid MC e Girinha, bem como outros artistas que já atuavam no cenário ampliaram as suas críticas e tiveram a oportunidade de gravar os seus primeiros álbuns. Desses, se destacam nomes como Flagelo Urbano, Brigadeiro 10 Pacotes, Ikonoklasta e Phay Grand, o Poeta.

### O *rap* e as manifestações cívicas

Na primeira década dos anos 2000, o *rap* foi, provavelmente, a maior ferramenta de contestação, ao regime do MPLA. Todavia, o *rapper* Ikonoklasta passou a considerar ineficazes as ações apenas no âmbito musical e resolveu reunir um grupo, para manifestar nas ruas. Ikonoklasta é a alcunha artística de Luaty Beirão, nome como também será referido no texto. No dia 27 de fevereiro de 2011, ele estava fazendo participação no show do *rapper* angolano Bob da Rage Sense e soube que o filho do presidente, Eduane Danilo dos Santos, estava na plateia. Ele mandou avisar ao “papá” que “Não queremos mais ele aqui. 32 é muito. É muito!”<sup>7</sup>. A analogia era para afirmar ao pai dele, que 32 anos no poder já era muito tempo. Além disso, o *rapper* ainda puxou gritos de “Fora!” contra o presidente e os dirigentes do partido Dino Matross (secretário-geral do MPLA) e Virgílio de Fontes Pereira (líder da bancada parlamentar do MPLA). Ikonoklasta ainda exibiu a faixa “Ti Zé tira o pé – Tô prazo expirou há bwé!”, para afirmar que José Eduardo dos Santos deveria sair do poder, pois já estava há muito tempo no comando do país. Por último, ele convocou os cerca de três mil jovens para um protesto, marcado para o dia 07 de março na Praça da Independência, no centro de Luanda, capital do país. Para incentivar o público, ele questionou quem seria os verdadeiros “revú”, alcunha dada aos revolucionários em Angola.

No outro dia, Luaty Beirão utilizou as redes sociais para pedir desculpas a Danilo dos Santos, já que ele não havia feito nada e não merecia tal exposição (AGUALUSA, 2012). Porém, reafirmou que o protesto estava convocado e utilizou o slogan “Zé Edu, tira o Pé”!, para ser espalhado nas redes sociais (*ibidem*). O protesto contou com apenas 12 pessoas, mas os presentes não chegaram a realizar uma passeata, pois todos eles foram presos, incluindo o próprio Luaty Beirão e três jornalistas. Apesar da sua postura interventiva, Luaty é filho de um ex-dirigente do MPLA, o engenheiro João Beirão. Falecido em 2012, João era um dos principais homens de confiança do ex-

<sup>7</sup> Informações colhidas no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=mhF7tDoekg>.

presidente, sendo nomeado como primeiro diretor da Fundação Eduardo dos Santos (FESA). O filho ressalta em entrevista que, apesar da ligação próxima com o regime, o pai dele nunca interferiu em seu trabalho artístico ou deu qualquer opinião para que o mesmo não expressasse os problemas do governo. A postura de João Beirão era de ausência de opinião sobre o viés político-artístico do filho.

Outro ativista que também atuava como *rapper* era Dionísio Casimiro, que utilizava o nome artístico Carbono Casimiro e faleceu em novembro de 2019. Ele manteve-se participativo em manifestações cívicas, apesar de ter interrompido a carreira como *rapper*. Como previam a dificuldade de veiculação das notícias, os manifestantes criaram o *website* Central Angola 7311, para divulgar as ações, além de utilizarem esse espaço para divulgar textos contra o governo angolano, bem como publicarem os eventos de *rap*. O nome da página faz referência a da data da primeira manifestação, que aconteceu no dia 07 de março de 2011.

No ano anterior ao primeiro ato, Ikonoklasta gravou a música “A Morte do Artista”, que mostra a inconformidade com o fato dos *rappers* e outros artistas apenas cantarem sobre os problemas, mas não buscarem meios mais efetivos para reivindicar mudanças sociais, realizando ações cívicas, junto com a população.

### **A Morte do Artista**

*(Ikonoklasta)*

(...)

*São revolucionários sem cadastro*

*Nenhum desacato a autoridade*

*Nem nunca foram multados por excesso de velocidade*

*Não, a revolução é moda, de zelosos cumpridores da lei*

(...)

*Eu aguardo por um sinal, mas só assistuo-a*

*Cedência do espiritual para o sexista*

*O vento muda, muda mal*

*A música está sem sal*

*Paw, Paw*

*É a morte do artista*

(...)

Sobre a música, Ikonoklasta salienta inclusive que, além da crítica direcionada aos demais *rappers* de intervenção, era também uma crítica a sua própria postura, pois não via eficácia maior de apenas cantar sobre os problemas e não buscar um enfrentamento maior como ativista político, por isso, comenta:

Eu falo muita coisa na música “*A Morte do Artista*”, mas o principal é mesmo a inconformidade com a situação de privilégio que a classe artística se coloca. O artista fala sobre os problemas, mas em uma posição de privilégio, sem se mexer. E quando eu escrevi, eu mesmo ainda não tinha feito qualquer manifestação. Então, era uma crítica também a mim. Passei a refletir sobre a minha letra, sobre o momento do meu país e vi que devia ir para as ruas, convocar a população, para tentar fazer alguma manifestação mais efetiva e buscar por soluções. Ficar só no palco cantando não iria chegar a grandes ações (IKONOKLASTA, entrevista, 21 de dezembro 2016).

O *rapper* também reflete, em entrevista, sobre o privilégio que teve de estudar na Europa, o que, segundo o próprio, aumenta a sua responsabilidade, pois teve acesso a grandes centros de estudo, enquanto cerca de 25% da população angolana é analfabeta. Luaty Beirão frequentou universidades da França e Inglaterra. O *rapper* relata que seu pai priorizava por educação de qualidade para os filhos, mas ele utiliza o conhecimento sobre a política angolana, para contrariar justamente os interesses que seu pai defendia. Como é corriqueiramente acusado de ser um “filho do regime”, ele afirma, em vídeo no *Youtube*, que, por ter sido beneficiado em estudar no exterior, não o obriga a ser defensor das ideias do pai.

Eu chamo-me Luaty Beirão, sou filho de João Beirão, o primeiro diretor da FESA, Fundação Eduardo dos Santos, sou portanto, como me acusam, um filho do regime, mas não vejo porque isso me obrigaria a seguir a linha de pensamento do meu pai. (...) Tenho o meu próprio cérebro (IKONOKLASTA, vídeo no *Youtube*, 28 de fevereiro de 2011).

O crescimento das manifestações fez com que aumentasse a perseguição aos ativistas. Em maio de 2012, por exemplo, agentes da segurança de Angola inseriram cocaína na roda da bicicleta de Luaty Beirão no aeroporto de Luanda, quando ele estava viajando para Lisboa (LUSA, 2012). Com isso, acionaram a segurança do aeroporto da capital portuguesa afirmando que ele carregava drogas. O *rapper* chegou a ser detido, mas conseguiu comprovar a sua inocência em seguida. O escritor e jornalista angolano José Eduardo Agualusa afirma que o exemplo do *rapper* e ativista mostrava o início de mudanças no quadro político de Angola (AGUALUSA, 2012). Isso porque muitos jovens iam estudar fora do país e sonhavam em realizar mudanças, mas se calavam quando recebiam o primeiro salário (*ibidem*). Já Luaty participou da idealização das manifestações e continuou a lutar por melhorias, mesmo recebendo retaliações, como espancamentos e prisões (*ibidem*). Para Agualusa, a situação lembra inclusive a luta anticolonial, ocorrida entre as décadas de 1950 e 1970, que contou com pessoas privilegiadas pelo sistema na luta contra o próprio regime ditatorial português.

Os jovens quadros angolanos ligados à “grande família” (o partido no poder) tendem a ser rapidamente integrados no sistema. Muitos estudaram em países ocidentais e regressaram a Luanda cheios de ideais generosos, decididos a bater-se contra a corrupção e por uma maior abertura democrática. Até há alguns anos, porém, quase todos fraquejaram, preferindo calar-se, após receberem o primeiro salário. O exemplo de Luaty, licenciado em Engenharia Electrotécnica em Plymouth, na Inglaterra, mostra que alguma coisa está a mudar no seio da própria classe dominante. A situação recorda os últimos anos do período colonial, cujo colapso poderia ter sido previsto pelo grande número de jovens da pequena burguesia urbana, de origem europeia, que se juntaram, na época, aos movimentos de libertação (AGUALUSA, jornal o Público, 26 de agosto de 2012).

Os atos cívicos passaram a ser cada vez mais repreendidos pelo regime angolano. O desaparecimento dos ativistas Alves Kamulingue e Isaías Cassule, em 27 de maio de 2012, após uma manifestação, fez com que as pressões aumentassem (OLIVEIRA, 2015). O Ministério do Interior assumiu a morte deles em carta ao então presidente José Eduardo dos Santos em novembro de 2013 (*ibidem*). De acordo Oliveira (2015), eles foram sequestrados e posteriormente assassinados. Em um documento secreto, enviado a José Eduardo dos Santos, o Ministério do Interior teria informado que Cassule foi espancado durante dois dias seguidos e o seu corpo atirado ao rio Dande, enquanto Kamulingue teria sido executado com um tiro na cabeça e abandonado em uma mata fora de Luanda. Oito agentes dos serviços secretos angolanos foram condenados e um absolvido. As penas variam entre 13 a 17 anos de prisão. A família dos ativistas só recebeu indenização do estado em abril de 2018, no valor de 4 milhões de kwanzas, algo próximo a 35 mil reais.

Apesar das retaliações, os manifestantes continuaram realizando protestos, porém foram diversas vezes espancados antes das ações iniciarem, como também foram proibidos de estarem na rua. Essas repressões são tema da música “A Bala Dói”, de MCK e Ikonoklasta. A letra da música aborda justamente o sofrimento e dor vivido pelos ativistas com as ações policiais, quando buscam realizar protestos pacíficos. Essa música inclusive é cantada algumas vezes pelos ativistas cívicos, dentro do carro da polícia, quando estão sendo presos. A música possui um tom sentimental, de lamentação, para mostrar o sofrimento que passam com a repressão policial e conta com versos como “Prometem comida, mas só nos dão porrada”; “A bala perfura a carne, doi”; “Esses tão a nos ver tipo peixinho/ Eles são anzóis/ Tão a brincar conosco meu mano”.

Outra forma de controle das manifestações é a obrigatoriedade de avisar as autoridades com alguns dias de antecedência, o que permite a não autorização dos protestos, por parte dos órgãos de segurança. Uma das estratégias das autoridades consiste em agendar ações em prol do MPLA, para o mesmo dia e local, afirmando que já haviam sido agendadas com antecedência. Devido às diversas restrições, os ativistas cívicos passaram a se reunir em locais fechados, para debater sobre a situação política de Angola e planejar as ações. Em uma dessas reuniões, ocorrida em 20 de junho de 2015 na Livraria Kiazele, 15 ativistas foram presos, por estarem debatendo o livro “Ferramentas para destruir o ditador e evitar nova ditadura — Filosofia política da

libertação para Angola”, escrito pelo jornalista Domingos Cruz, que estava no encontro e também foi detido (CRUZ, 2015). A obra é inspirada no livro “Da Ditadura à Democracia - Uma Estrutura Conceptual para a Libertação” (SHARP, 2002). Esse teórico é conhecido por incentivar o uso da ação não violenta em conflitos ao redor do mundo. Além dos 15 presos inicialmente, as ativistas Laurinda Gouveia e Rosa Conde foram presas e incluídas no caso, dois meses depois, por se rebelarem publicamente contra o regime angolano. Com essas prisões, o caso passou a ser conhecido como 15+2.

O caso foi bastante divulgado fora de Angola. O *rapper* MCK e o músico de semba Bonga realizaram um show em 1º de setembro de 2015, em Lisboa, em apoio aos presos, com o intuito de conseguir dinheiro para as famílias dos ativistas. Todavia, o período de maior repercussão internacional do caso foi durante a greve de fome de Luaty Beirão (CENTRAL ANGOLA 7311, 2016). O *rapper* e ativista esteve 36 dias sem comer, para protestar contra o excesso de prisão preventiva. Quando encerrou o ato, em 27 de outubro de 2015, percebeu que o caso já havia ganhado uma repercussão maior do que a esperada, pois houve divulgação em vários países, bem como ocorreu o envolvimento de entidades como a União Europeia e a Organização das Nações Unidas (ONU). Em novembro, eles foram transferidos para a prisão preventiva, mas as vigílias para pedir “Liberdade Já!” continuaram acontecendo em países como Angola, Brasil e Portugal (CENTRAL ANGOLA 7311, 2016)..

Artistas de renome se envolveram nessa causa, como foi o caso do humorista brasileiro e colunista da Folha de São Paulo, Gregório Duvivier, um dos responsáveis pela vigília de libertação dos presos, no Rio de Janeiro. Além disso, alguns deputados federais do Brasil, como Chico Alencar e Luiza Erundina, registraram apoio aos ativistas. No âmbito do *rap*, chegou a ser produzido um álbum em solidariedade aos presos com artistas angolanos, denominado de “15+Duas+Nós”, que teve 800 cópias confiscadas pelas autoridades do país. O disco foi produzido com a intenção de conseguir recursos para as famílias dos presos. Outro álbum também chegou a ser planejado e esse contava com artistas internacionais, como o *rapper* português Chullage, a *rapper* luso-angolana Telma Tvon e o *rapper* brasileiro GOG. O disco não chegou a ser finalizado, entre os motivos está o fato de os ativistas terem sido soltos durante o processo de produção. Todavia, algumas músicas chegaram a ficar prontas,

como é o caso “Iê”, do *rapper* GOG, que não foi lançada oficialmente em qualquer plataforma.

Apesar de o álbum não ter sido publicado, o *rapper* GOG enviou a música “Iê” para ser reproduzida no evento “Resistência Política Pela Arte”, ocorrido em dezembro de 2016, em Coimbra, Portugal, organizado pelo autor deste artigo e que contou com a participação de Luaty Beirão. Ao analisar a letra, percebe-se que GOG descreve uma ligação histórica entre Brasil e Angola, mostrando semelhanças na forma de exploração, mas o artista também conhece as particularidades do sistema angolano e faz denúncias direcionadas a questões específicas angolanas. O *rapper* inicia a música com um *sample*<sup>8</sup> de “Tia”, de Artur Nunes. Na letra, ele começa fazendo referência aos artistas de resistência do passado, ressaltando que os atuais ativistas mantêm um legado dessas pessoas: “Guiado por Artur Nunes, Urbano de Castro e David Zé/ Saúdo Angola, a resistência mantém essência em pé”. Os três cantores citados foram mortos em uma chacina ocorrida em 27 de maio de 1977. Naquela época, o então presidente Agostinho Neto ordenou o assassinato de membros do MPLA que participaram de uma manifestação reivindicando que o presidente seguisse a linha ideológica marxista-leninista prometida durante a luta anticolonial (MATEUS & MATEUS, 2007). Com isso, 20 mil a 80 mil militantes do partido do presidente foram assassinados, seguindo ordem desse chefe de estado, incluindo três músicos de grande sucesso em Angola: Artur Nunes, Urbano de Castro e David Zé. Esses artistas haviam feito apresentações artísticas em ações políticas de Agostinho Neto, antes e depois da independência de Angola (*ibidem*).

GOG compara o regime do MPLA à ditadura militar brasileira, vigente entre 1964 e 1985 e que foi marcada por perseguições, prisões, mortes, censuras e exílios de vários divergentes, assim como ocorre em Angola: “A fragrância que exala do governo e sua postura/ É a mesma dos porões no Brasil da ditadura”. Outro comparativo que ele traz é relativo ao silenciamento do *rap* de intervenção social nos dois países: “De Luanda à Brasília tentam calar a voz da guerrilha/ Sonora musical, manifestação cultural”. Ele salienta que o *rap* é “a voz da guerrilha”. Isso é, consegue ser o veículo para manifestação daqueles que estão insatisfeitos com o sistema político. Com isso, o silenciamento sistemático contra essa expressão é uma estratégia ampla, em que os

---

<sup>8</sup> *Sample* é um recorte sonoro externo, musical ou não, inserido em uma música de *rap*.

opressores impedem a proliferação de espaços para se pensar uma sociedade diferente, comprovada na retaliação e censura aos *rappers* interventivos. Ele lembra ainda da ligação existente entre os países, devido ao tráfico de pessoas escravizadas: “Há séculos muitos de nós partimos daí pra aqui/ O que fazem não é novidade, eles são mestres em oprimir”. GOG ainda afirma: “De Cabinda à Salvador traficaram quantas naus?”. Dessa forma, cita uma província de Angola, no caso Cabinda, e uma cidade do Brasil, que é Salvador, para abordar o tráfico de pessoas escravizadas. Os naus eram os navios, com capacidade para mais de 200 pessoas, as quais as pessoas, muitas dessas angolanas, eram transportadas forçadamente para o Brasil, com intuito de serem escravizadas. Os navios, no entanto, inseriam bem mais de 200 pessoas.

No decorrer da letra, GOG enfatiza que em ambos os países os *rappers* questionam as ações dos poderosos, bem como esses artistas lutam pela liberdade. O artista brasileiro qualifica o contrário disso como “fraqueza”. GOG salienta ainda que “nobreza” não é o privilégio que alguns têm de acúmulo de capital, mas sim uma distribuição equiparada para todos. O *rapper* também mostra conhecimento sobre a situação política de Angola e cita o nome de todos os 17 ativistas que estavam presos, quando ele produziu a música. Além disso, traça um panorama do quadro político angolano, enfatizando, sobretudo, a falta de liberdade de expressão, como pode ser visto nos versos abaixo.

Iê

(GOG)

(...)

*Protestos não violentos nunca foram jamais serão*

*Conspiração, oh! Como afirma acusação*

*Transformando a sua caneta em cortante baioneta*

*Ativistas na solitária e o bom senso na gaveta*

*Rappers são convulsão, combate à violação que vem do Estado,*

*Termômetros da insatisfação mentores que não ficam calados*

*Do calor das suas letras, dos escritos que apreciam*

*Criam uma linha de ação, são vozes da população*

*Carente, sofrida, perseguida, que só apanha da vida*

*São poetas, heróis dignos de carinho, condecoração, ei!*

*Liberte os nossos da prisão! Do cárcere á rebelião!*

*Livro, leitura, cultura, educa, não, não, não, não atrasa Nação*

*Maior índice de mortalidade infantil do planeta*

*36% da população abaixo da linha de pobreza*

*36 anos o mesmo Presidente, todos os dias!*

*A revelia, Ei! Da ditadura à Democracia!*

*(...)*

No início desses versos, o *rapper* aborda o fato de os protestos pacíficos realizados em Angola serem considerados conspiração, mas entende isso como um argumento não sólido, pois os ativistas angolanos buscavam soluções pacíficas, apesar de serem confrontados com forte violência policial. Além disso, questiona a prisão dos ativistas, episódio que faz, segundo GOG, o bom senso ir para a “gaveta”. Isso significa que o bom senso não está sendo utilizado, pois os tribunais estão julgando por meio de regras não previstas na lei. Ele argumenta que, nesse contexto, os *rappers* atuam como as vozes da população, por expandirem a insatisfação popular com versos repletos de conteúdo de protesto, denunciando o sofrimento, a perseguição e a pobreza. Ademais, GOG afirma que esses *rappers* deveriam receber carinho e condecoração, por

expandirem essas vozes e tirá-las do silenciamento, mas a resposta do governo é justamente o contrário da esperada. Eles são perseguidos e censurados, tendo os seus *shows* cancelados e ainda sofrem com agressões físicas. Por isso, GOG pediu na música para que os ativistas fossem soltos. Vale destacar que quatro desses 17 ex-detentos são *rappers*: Ikonoklasta, Cheick Hata, Drux-P e Hitler Samussuku.

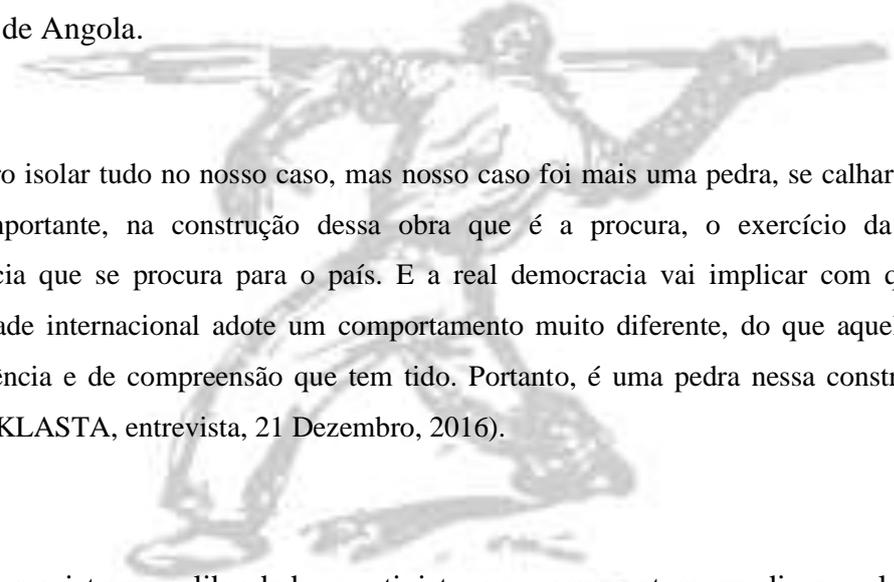
Outra questão debatida por GOG na música é o fato de os ativistas terem sido condenados pela leitura de um livro. Por isso, enfatiza que o livro, a leitura e a cultura, que são os crimes supostamente cometidos, “educa”, e não atrasa uma nação, como eles foram acusados. Essa acusação, feita pelo governo angolano, é de que os ativistas estariam promovendo um complô para destruir a ordem vigente no país. GOG simboliza a situação difícil em Angola, ao retratar o fato de 36% da população viver abaixo da linha da pobreza e de ter o maior índice de mortalidade infantil do mundo. Com isso, argumenta que não se pode aceitar um presidente com 36 anos no poder em um sistema carente como é o caso do angolano. Além disso, faz uma analogia poética ao livro de Gene Sharp, autor responsável por inspirar Domingos da Cruz: “Ei, Da Ditadura a Democracia”.

Esses ativistas foram soltos em 29 de junho de 2016, em uma ação que teve grande influência da Anistia Internacional, responsável por conseguir a anistia dos ativistas. Eles foram soltos em 29 de junho de 2016 (CENTRAL ANGOLA 7311, 2016). O *rapper* MCK afirmou, em entrevista para esta pesquisa, que a liberdade dos ativistas foi uma das maiores vitórias conseguidas na luta para estabelecer uma democracia efetiva em Angola, pois o país é conhecido pelos escândalos de corrupção, má governação e restrições de liberdade ao povo. Diante desse cenário político, o artista afirma que pequenas vitórias conseguidas são as esperanças para continuar acreditando em mudanças estruturais. O *rapper* acrescenta que um show dele teve a realização proibida em novembro de 2015, sem qualquer legitimidade jurídica e ele conseguiu uma indenização.

É uma vitória que nos oferece esperança (a indenização pelo *show* não realizado). Nós estamos a responsabilizar o ato do Estado. Nós estamos a responsabilizar e colocar fim aos abusos no poder. Ao uso arbitrário do poder. E a experiência dos 15+2, a exposição. E a luta até tirá-los da cadeia é um exemplo de vitória muito forte. São conquistas de

espaço de liberdade, que se calhar para quem tá fora não consegue ver o valor desse ganho, mas para mim tem um significado especial. Por exemplo, vir aqui (Lisboa, local da entrevista) em setembro do ano passado e gritar liberdade e voltar um ano depois e cantar com quem teve preso, pra mim é um ganho sem medida (entrevista foi realizada dias após a um show de MCK e Ikonoklasta). De um símbolo que vende-se para nação, porque somos uma nação com a atmosfera de medo muito forte. E essas pequenas sementes de coragem se reproduzirem em resultados bons aumenta a nossa esperança, sem sombra de dúvidas (MCK, entrevista, 07 Dezembro, 2016).

Já Luaty Beirão, o Ikonoklasta, não acredita que as prisões sejam determinantes para a construção de uma democracia em Angola, mas entende que foi um caso que expôs o país e provocou cobranças externas, que provocaram alterações nas relações internacionais de Angola.



Não quero isolar tudo no nosso caso, mas nosso caso foi mais uma pedra, se calhar uma pedra importante, na construção dessa obra que é a procura, o exercício da real democracia que se procura para o país. E a real democracia vai implicar com que a comunidade internacional adote um comportamento muito diferente, do que aquele de complacência e de compreensão que tem tido. Portanto, é uma pedra nessa construção (IKONOKLASTA, entrevista, 21 Dezembro, 2016).

Após conquistarem a liberdade, os ativistas passaram a atuar em diversos locais para divulgar o cenário político angolano. Luaty Beirão foi convidado para audiência pública no Parlamento Europeu em 26 de janeiro de 2017 (ESQUERDA.NET, 2017). Além disso, participou de várias palestras em países como Portugal, França e Holanda. Todavia, as retaliações continuaram, tanto no quesito artístico, como nas manifestações. Ikonoklasta e MCK não conseguiram autorização para fazer um *show* em novembro de 2016 em Luanda e, por isso, o retorno de Ikonoklasta aos palcos só aconteceu em Lisboa, em uma apresentação realizada em dezembro de 2016. Os dois artistas só conseguiram se apresentar em Luanda no dia 12 de março de 2017, em um palco improvisado na Rádio Despertar, que é ligada a UNITA.

Em relação às manifestações de rua, os ativistas cívicos tentaram realizar dois protestos em Luanda, logo após saírem da cadeia, mas ambos foram vetados. A primeira tentativa aconteceu em 26 de novembro de 2016, quando estava marcada uma manifestação contra a nomeação de Isabel dos Santos, filha do presidente José Eduardo dos Santos, para a Sonangol, estatal do petróleo (PÚBLICO, 2016). As autoridades justificaram que no mesmo dia estava programada a marcha “O Papel da Mulher Religiosa na Consolidação da Paz em Angola” (CEIC/UCAN, 2016). Já em 24 de fevereiro de 2017, os ativistas foram às ruas para protestar pelo fato do Ministro da Administração do Território, Bornito de Sousa, ser, ao mesmo tempo, candidato a vice-presidente da República e responsável por conduzir as eleições (NDOMBA, 2017). Eles sofreram com diversos atos de violência policial na ocasião.

A ligação entre o ativismo cívico e a música *rap* é vista no cartaz dessa manifestação, contra a posição ambígua de Bornito de Sousa. No quadro abaixo, em que o ativista Nelson Dibango confirma presença, é utilizada uma frase do *rapper* Cheick Hata, do grupo Movimento Extremista Terceira Divisão. Hata é também um ativista que foi preso no caso 15+2. Para ironizar sobre a forte ligação entre o judiciário e o executivo no contexto angolano, Cheick Hata versa “Que resultado esperas em seu favor, numa disputa em que o árbitro também é jogador”. Trata-se de uma frase extraída da música “Não Vota”, que visava apelar ao boicote às eleições presidenciais de 2012. Isso porque a Comissão Nacional Eleitoral era constituída majoritariamente por pessoas ligadas ao MPLA. Cinco anos depois se encaixava novamente na realidade as vésperas de uma nova eleição, por conta da posição ambígua de Bornito de Sousa.



Convocatória para manifestação em 24 de fevereiro de 2017

Os ativistas ficaram com várias marcas físicas dessa repressão. Hitler Samussuku e Cheick Hata, que estiveram entre os presos do caso 15+2, foram algumas das vítimas. Samussuku foi atingido com porretes, socos e pontapés, deixando a cabeça cortada e com muito sangue, por isso, foi realizada uma pequena cirurgia com sutura de três pontos na cabeça. Cheick Hata também ficou com vários arranhões de mordidas de cachorro.



Hitler Samussuku mostra a cabeça cortada

Oliveira (2015) analisa que a aliança entre o *rap* e as manifestações cívicas forma o quadro que melhor representa uma possibilidade de mudança no cenário político do país. Ainda segundo a autora, esses jovens construíram um novo espírito revolucionário em Angola, refletindo sobre soluções para o país e reivindicando constantemente as mudanças sociais, em um quadro que relembra a geração que conquistou a independência.

A nova geração revolucionária apresenta-se utilizando a crítica ao colonialismo e a afirmação de uma identidade angolana pautada tanto nas cobranças como nas dívidas relativas às gerações passadas que se traduzem nas lutas contemporâneas contra o atual regime. Temos, portanto, a possibilidade de reinvenção da idéia de

revolução angolana, talvez mais proeminente que seu aspecto vanguardista de novidade, embora a contemporaneidade seja imperiosa em produzir rapidamente a transversalidade ou globalidade genérica das manifestações populares (OLIVEIRA, 2015, Buala.org).

Durante o pouco mais de um ano em que os ativistas ficaram presos, os problemas políticos de Angola ficaram bastante expostos internacionalmente. O maior ganho disso foi que o presidente José Eduardo dos Santos finalmente encerrou o seu mandato em agosto de 2017, não tentando a reeleição. Os motivos foram o quadro de saúde instável e as pressões políticas internas e externas. Por outro lado, José Eduardo planejou a sua saída, garantindo a maior parte dos benefícios políticos e financeiros até a sua morte, assim como também para os seus filhos, que ocupavam as gerências das empresas estatais mais lucrativas. Além disso, conseguiu impor a aprovação de uma medida que proíbe punição para ex-presidentes e ainda escolheu o seu substituto, o general João Lourenço. As eleições, realizadas em agosto de 2017, foram pouco claras, fazendo com que os concorrentes desejassem a impugnação do pleito, bem como alguns deputados eleitos dos partidos UNITA e CASA-CE ameaçaram não assumir os cargos, afirmando que as eleições foram ilegítimas. Todavia, eles assumiram, afirmando que é o melhor espaço para combater a corrupção.

João Lourenço não seguiu exatamente o que planejava José Eduardo dos Santos, exonerando os seus filhos e várias pessoas de confiança do antigo mandatário, afirmando que deseja ampliar a democracia. O *rap* de intervenção foi um desses beneficiados com as mudanças, pois os artistas passaram a realizar *shows* sem maiores problemas de restrições ou censuras, como aconteceu no período de José Eduardo dos Santos no poder. Todavia, há várias pessoas indiciadas por corrupção entre os quadros de João Lourenço no poder. Com isso, o momento ainda é de incertezas sobre as mudanças que ocorrerão no país, sendo um momento para análise e observação.

Em entrevista à agência Lusa, Luaty Beirão afirma que percebe no governo de João Lourenço mais abertura para o diálogo, em relação ao governo de José Eduardo dos Santos (MADREMEDIA/LUSA, 2018). Com isso, passou a ser possível fazer uma remodelação na forma de luta entre os ativistas, buscando reivindicar por meio desses

espaços democráticos (*ibidem*). Todavia, ainda considera as mudanças aquém do esperado no país.

A luta não precisa de ser nos mesmos moldes para sempre. Nós, no tempo do José Eduardo dos Santos, não tínhamos um espaço de fala, não havia a diversidade, a pluralidade das vozes, não havia direito à crítica. Então era preciso nós sermos confrontacionistas e conquistar esse espaço. Neste momento há uma retórica de abertura. Então essa abertura tem que ser explorada (...) as pessoas agora sentem que têm esse espaço para agir (...) aproveitar estes espaços de abertura que existem, criar pontes de diálogo e tentar forçar o Governo a perceber que não pode haver evolução e desenvolvimento sem uma sociedade civil forte (...) Quando há uma abertura para conversar, nós também temos que saber explorar e temos que mostrar que não somos só da pancada. Não há um atirar da toalha ao chão, há uma vontade de explorar esses novos espaços que existem (...) (IKONOKLASTA, Lusa, 27 de abril de 2018).

Luaty Beirão, o Ikonoklasta, chegou a comemorar, em dezembro de 2017, a exoneração de Isabel dos Santos da presidência da Sonangol, estatal do petróleo (TSF, 2017). Ademais, o ativista foi recebido pelo presidente João Lourenço em dezembro de 2018, para apresentar as suas pautas políticas, junto com outros ativistas, e comemorou essa abertura política para o debate, apesar de entender que o ganho era mais simbólico, do que em efetivação de melhorias para as pessoas (PÚBLICO, 2018). No entanto, levantou-se a suspeita em janeiro de 2019 de que, quando era ministro da defesa, João Lourenço teria participado de negociação obscura no valor de 495 milhões de euros (cerca de 2 bilhões e 326 milhões de reais) em 2015, com empresas envolvidas em escândalo de dívida oculta em Moçambique (ISSUFO, 2019). Essa polêmica fez com que o *rapper* e ativista ficasse receoso quanto ao futuro de Angola: “Manter-se-à nebulosa a aura de quem pretende ser promotor de transformações significativas. O espaço para a fé começa a tornar-se exíguo”, escreveu Luaty Beirão no *Twitter*, em 28 de janeiro de 2019 (MOZOS, 2019).

### Os “Extremistas” do Movimento Hip Hop Terceira Divisão

Quando é abordada a ligação entre o *rap* e a prisão dos ativistas do caso 15+2, constantemente fala-se de Luaty Beirão, o Ikonoklasta. Todavia, outros três *rappers* estiveram presos no episódio. Um deles é Inocêncio de Brito, que segue carreira solo com o nome Drux-P. Além dele, Cheick Hata e Hitler Samussuku compõe o Movimento Extremista Terceira Divisão. Outro membro do movimento, Mbambi, não participou da reunião que gerou a prisão porque Cheick Hata esqueceu de pedir à pessoa que dirigia o carro para dar carona a Mbambi naquele dia. Desse modo, Mbambi passou a ser responsável por difundir as causas dos ativistas fora da cadeia, realizando palestras e concedendo entrevistas.

O termo “movimento” foi escolhido para demarcar que esse coletivo surgiu de uma coligação de grupos que nasceram independentes, mas reuniram-se para formar uma união de *rappers* periféricos. O grupo assume uma identidade periférica, identificada com a utilização da nomenclatura “Terceira Divisão”, como forma de reivindicar uma identidade menor e conseqüentemente mais pobre e mais invisibilizada. O Movimento Extremista Terceira Divisão reivindica um viés revolucionário, assumidamente extremista, como o próprio nome do grupo aponta. Por isso, frequentemente utiliza palavrões e críticas duras ao sistema angolano, além de invocar uma solução armada.

Na música “Matem o Gajo”, por exemplo, o grupo aborda o desejo de ver a morte de José Eduardo dos Santos e versa frases como “A sua morte será a alegria do meu povo”; “O dito arquitecto, que por mim já merecia 23 balas no peito/ Dos Santos, inimigo, não me chame assassino eu aprendi consigo” e “Nito Alves voltou para se vingar”. Essa última frase faz referência ao líder da manifestação ocorrida em 27 de maio de 1977 (MATEUS & MATEUS, 2007). O grupo também compara o cenário de uma possível morte de José Eduardo dos Santos, com a data em que foi assassinado Jonas Savimbi, pois esse homicídio, planejado por José Eduardo, foi bastante comemorado pela militância do MPLA e exibido em canais públicos, com tom heroico, já que significava o fim da Guerra Civil Angolana: “E como fizeram com Savimbi contigo terá que ser a mesma coisa/ TPA, mostrará seu corpo morto estendido numa mesa/ Tudo será antecedido de muita violência/ Mas quando a rádio anunciar a sua morte, comemorarei o meu dia da independência”. Na música “Angola Puta”, o grupo critica a subserviência de Angola nas relações econômicas externas no seguinte refrão: “Da Rússia para China, és puta/ Odeio Angola, és uma merda, puta”. Na letra “Último

Combate”, o grupo clama por uma revolução armada, como única solução para uma mudança estrutural no país.

### Último Combate

*(Movimento Extremista Terceira Divisão)*

(...)

*Rapta o jornalista da RNA em nome da liberdade de expressão*

*Corte os cabos de alta tensão, não espera luz que não vem*

*Seja o pior aluno de língua portuguesa para o seu bem*

*Quando a polícia lhe dá, não peça desculpa, dá também*

*Camponês cultiva o sentimento do campo de batalha*

*Pega a sua enxada cava a sua trincheira, somente a disparar se atinge uma revolução verdadeira*

*Agora queremos guerra é tarde demais para se melhorar*

*Não queremos paz, apenas igualdade, fazer chorar quem nos faz chorar*

*Não cumprimos os deveres sem respeito pelos direitos*

*Aqui não há cantar pátria unida sem estarmos repletos*

*As algemas estarão nos braços dos opressores*

*As demolições serão na casa dos demolidores*

*Diminuiremos com sangue a arrogância dos mulatos*

*Varrerão as ruas e lavarão nossos pratos*

(...)

Apesar de ser um discurso bastante radical, por assumir que não deseja a paz, mas sim um revanchismo, pode-se estabelecer um comparativo a várias análises do autor martinicano Frantz Fanon (1968), na obra “Os Condenados da Terra”. Isso porque o autor e o grupo observam a necessidade do uso de violência, como estratégia para combater uma violência ainda maior. O encontro de ideias entre a postura do grupo e as

análises de Fanon também ocorre no âmbito educativo, pois os artistas entendem que é uma estratégia de resistência a opção de pior aluno de língua portuguesa, enquanto Fanon ressalta que assumir uma língua é assumir um mundo e um modo de pensar. Por isso, seria primordial rejeitar a língua ocidental, imposta pelo histórico de colonialismo e genocídio cultural, e comunicar-se em língua local africana, para aumentar o sentimento de pertença dos povos africanos.

A questão racial é trazida pelo grupo quando se fala dos mulatos: “Diminuiremos com sangue a arrogância dos mulatos/ Varrerão as ruas e lavarão nossos pratos”. O mulato é um termo pejorativo que designa a pessoa nascida em um meio termo entre a cor branca e a cor negra, tendo descendência mestiça. A expressão é pejorativa por ser derivada de “mula”, que além de se referir a um ser não pensante, denota uma mistura entre o cavalo e um jumento. O discurso de Frantz Fanon é novamente um parâmetro de análise para um trecho da música do grupo. O Movimento Terceira Divisão denota que os mulatos são arrogantes e que merecem ser castigados, servindo aos negros. Já o autor martinicano salienta que quanto mais branca a pessoa for, mais branca sente-se e, assim, mais próxima de um humanismo europeu, rejeitando, desse modo, os traços africanos.

O Movimento Extremista Terceira Divisão não é apenas um grupo de *rap*, pois eles exploram as diferentes vertentes do movimento *hip-hop*. Adicionalmente, o grupo busca incluir elementos culturais tradicionais locais ao *hip-hop*, com intuito de criar uma identidade angolana no movimento. A fogueira é tradicionalmente um local utilizado para contar histórias. Assim, os membros do Terceira Divisão organizam eventos de *hip-hop* em rodas de fogueira, em que além do *rap* e do *break dance*, praticavam rodas de capoeira, jogos de maculelê, músicas angolanas, discursos políticos, além das pessoas presentes terem a liberdade para apresentar novos atrativos, de acordo com a espontaneidade criativa. Isso trouxe uma reconfiguração do *hip-hop* do bairro Cacuaco, pois as músicas passaram a ser feitas em locais abertos e sem necessidade de pagamento. Além disso, ampliou-se o número de pessoas produzindo *rap* no bairro.

A primeira roda de fogueira aconteceu em 2005, na Boa Esperança, no beco onde normalmente o movimento reunia-se, e foi tudo natural, as actuações de rap foram feitas

ao som do Batuque, sem aparelhagens de som e coisas do género, algo somente restrito à Terceira Divisão e à comunidade, tem graças que o MS, (actualmente chama-se Fogão, cantor e produtor de kuduro), trouxe um pequeno rádio-cassete, mas que apenas serviu para pequenos improvisos no início da actividade, tão logo chegou o grosso da multidão foi posto de lado. A tendência 100% naturalista seguiu-se até 2008, quando recebemos o Dj Betinho “Etu Lene” ou ainda “Tá Calor” com a sua aparelhagem que deu-nos bastante suporte, inclusive passamos a contar com a presença de outros grupos, e para não variar os primeiros foram os Tiranícinos Verbais, com o Jazigo e o Nelson, contou também com um fabuloso discurso da Avó, irmã mais velhas dos rappers que constituíam os DDH (dois ex membros fundadores do Terceira Divisão). Os anos seguintes foram de consagração e já surgiam a participação de rappers de outros municípios, como os de Cazenga e Sambizanga, começaram a ser frequentes as presenças de 21 Ponto Soldado, Monangambé, DDH, MC N, Dr Kriss, Almanaque, Mp Crew, Afro Banto, Pensólogo, só para citar os mais regulares (CHEICK HATA, entrevista via *Facebook*, 11 de maio de 2018).

O Terceira Divisão também faz um ativismo religioso, tendo ligação com o movimento Rastafári, por entender que esse movimento tem ideias semelhantes aos pan-africanistas. A utilização de um estilo alternativo e o consumo de *cannabis* causaram a rejeição dos membros do grupo diante das suas famílias. Em seguida, as repressões passaram a serem externas, com a tortura de policiais em atos de flagrante de consumo de *cannabis*, repressões essas que avançaram até culminar com a prisão de alguns membros. De acordo com Hata, essa prisão só aumentou a convicção dos ideais e tornou-os ainda mais radicais. Um dos episódios que demonstram esse radicalismo ocorreu em 2007, quando o Papa Bento XVI visitou Angola. Eles conseguiram aceder um dia antes ao espaço onde o papa iria falar e realizaram pichações, além de terem espalhado panfletos com mensagens anticatólicas. Os membros do Terceira Divisão picharam dizeres como “Queremos Justiça e não o Papa”, “666”, “O Papa é demónio”, “Papa vai ficar aqui com a ilustração de um caixão”. Já os panfletos tinham como título “Tem bomba debaixo dessa bata”, como referência as diversas mortes provocadas pela Igreja Católica ao longo da sua história.

A distribuição de panfletos é maximizada em datas históricas, como o 04 de Fevereiro (em referência a 04 de Fevereiro de 1961, quando iniciou a luta armada na Guerra Anticolonial), 27 de maio (em referência ao genocídio do MPLA, contra os

denominados fraccionistas) e 11 de Novembro (data da proclamação da Independência de Angola). Os membros do Terceira Divisão também procuram ir para espaços mais elitizados da cidade de Luanda, para apresentar a música e a literatura periférica e contestatória, bem como realizar panfletagem que demarquem os abismos estruturais vivenciados por eles em comparativo com as pessoas da elite.

Os membros do Terceira Divisão começaram a participar das manifestações de rua já no ano de 2012. Em uma dessas ações, ocorrida em dezembro de 2012, eles não conseguiram encontrarem-se com os organizadores de uma manifestação, apesar de estarem na hora e no local marcados para o ato. Com isso, participaram de forma autônoma da marcha, com destino ao Ministério da Justiça, como estava previsto. Na passeata, eles se depararam com um grupo fortemente armado da Polícia de Intervenção Rápida, com cães e granadas de gás lacrimogêneo, barrando a estrada e impedindo a progressão da marcha. Com isso, os policiais agrediram bastante os ativistas, com bastões, pontapés e lançamentos de bombas, sendo a retirada mais violenta entre as cinco manifestações que já haviam participado.

Mesmo ocorrendo frequentemente episódios como esse, os membros do Terceira Divisão continuaram participando ativamente das manifestações de rua e, inclusive, organizando outras ações políticas. Por não acreditarem na imparcialidade das eleições, o Terceira Divisão juntou-se aos grupos MP Crew e Tiranídeos Verbais, formando um projeto chamado de Sociedade Aberta, para lançar um álbum, que apelava ao boicote das eleições de 2012. O disco foi intitulado de “Não Vota”. O álbum foi apresentado na Rádio Despertar no programa “O Zuela”, que era apresentado por Ikonoklasta e Mbanza.

Em 2015, o grupo realizou distribuição de panfletos, se posicionando contra a detenção do ativista e jornalista Rafael Marques, que estava prestes a ser julgado. O jornalista foi julgado devido ao seu livro “Diamantes de Sangue”, de 2011, que narra 109 casos de tortura, violações e assassinatos, seguidos de mutilação dos órgãos genitais, ocorridos na região diamantífera das Lundas (MORAIS, 2011). Rafael ainda moveu uma ação contra os proprietários das empresas. Todavia, a situação reverteu-se e ele passou a ser julgado por “denúncia caluniosa”.

Cheick Hata afirma que, quando foi preso no episódio do 15+2, estava pesquisando a relação entre o *hip-hop* e o exercício do direito a manifestação. Todavia,

o material foi apreendido, junto com uma cópia do panfleto distribuído na visita do Papa. Esse material jamais fora devolvido a ele.

### O ativismo cívico do rapper Drux-P

O ativista cívico Inocêncio de Brito, que esteve preso no caso conhecido como 15+2, também atua no *hip-hop*. Ele utiliza o nome artístico Drux-P e começou a cantar em 2003, na cidade Kwanza Norte, inicialmente sem grande teor interventivo. Inocêncio de Brito se transferiu para Luanda em 2004 e, em 2007, iniciou uma parceria com Eduardo Kitota, o Terramoto Verbal. Nesse dueto, Drux-P passou a cantar músicas mais interventivas. A parceria com Terramoto Verbal durou até 2011, pois o parceiro artístico faleceu. Inocêncio de Brito revela que essa morte “foi repentina e de certa forma desmotivou-me muito. Mas tinha de continuar, e, como forma de sarar a ferida causada pela sua morte [fez] a música intitulada ‘Homenagem ao Terramoto Verbal’” (DRUX-P, entrevista via *Facebook*, 31 de dezembro de 2018).

É também no ano de 2011 que Drux-P começa a participar de manifestações cívicas de rua. O artista afirma que o estopim para ir a essas passeatas foi a indignação com a detenção de 17 pessoas em 03 de setembro de 2011, por conta de manifestações desse gênero, que questionavam a longevidade do então presidente da república, José Eduardo dos Santos. Por conta disso, o artista foi para a passeata em solidariedade a esses ativistas presos e, desde então, passou a ter frequência assídua nesses atos.

Como é um artista do cenário *underground* e, assim, não é tão conhecido publicamente pela sua arte, Inocêncio de Brito pontua que a perseguição ao seu viés artístico não é um grande problema, mas já pensou em abandonar o *rap* “pelas barreiras impostas, pelas dificuldades em gravar e pela falta de incentivo” (DRUX-P, entrevista via *Facebook*, 31 de dezembro de 2018).

Uma das músicas mais polêmicas de Drux-P é “Quem era Jonas Savimbi?”. O artista enfatiza que o ex-líder da UNITA é um ser humano normal, para além das visões dicotômicas, de herói ou violão, geralmente proliferadas em Angola. Por isso, gravou essa música “numa tendência de chamar a atenção, tanto aos que lhe idolatram, como aos que diabolizam” (Drux-P, entrevista via *Facebook*, 19 de junho de 2019). Ele viveu o final da Guerra Civil de Angola entre a infância e a adolescência e, como prevalecia a

ideologia do MPLA nesse período de formação pessoal, Drux-P discorre que “já odiei [Jonas Savimbi] enquanto criança porque assim me foi ensinado” (Drux-P, entrevista via *Facebook*, 19 de junho de 2019). Entretanto, começou a “admirá-lo” a partir do momento que passou “a ter mais informações sobre os fundamentos da sua luta” (Drux-P, entrevista via *Facebook*, 19 de junho de 2019). Hoje ele conclui que é necessário conhecer a verdadeira história desse líder político, observando ser como “todo ser humano” com “virtudes e defeitos” (Drux-P, entrevista via *Facebook*, 19 de junho de 2019).

No refrão da música “Quem era Jonas Savimbi?”, Drux-P abre possibilidades para o ex-líder de a UNITA possuir as duas faces de como o encaram, ao versar: “Com sinceridade pura e honesta, políticos opositores, ou quem governa/ Eu quero que apenas me respondam: Quem era Jonas Savimbi por esta Angola?/ Um terrorista cruel, tal como o conhecemos/ Ou o salvador de Angola que não reconhecemos?”. Ele relembra que esse refrão causou uma situação inusitada na primeira e única vez que esteve em um programa radiofônico para ser entrevistado na condição de artista. A ocasião ocorreu em 2013 na Rádio Despertar, afeta ao partido UNITA e ele relembra:

A entrevista era em direito (ao vivo) e o jornalista nunca tinha ouvido a música Quem era Jonas Savimbi?”. Sem prestar bem atenção ao conteúdo, chegou a parte do refrão e ele captou apenas a parte que diz “Savimbi um terrorista cruel”. Então, ele ficou apavorado e disse-me “Ephá, tu vens a rádio dele e ainda lhe chamas de terrorista?”. Mandou cortar a música rapidamente. No final, ofereci-lhe um disco com as minhas músicas para que ouvisse com mais atenção (DRUX-P, entrevista via *Facebook*, 31 de dezembro de 2018).

A música de Drux-P, no entanto, conta com vários elogios a Jonas Savimbi que pouco foram percebidos pelo radialista. Ele destaca que o ex-líder da UNITA foi demonizado por informações distorcidas, mas que o passar dos anos fez o povo entender o seu legado:

### **Quem era Jonas Savimbi?**

(*Drux-P*)

*A nossa história foi manipulada*

*Enalteceram a mentira, mantendo a verdade ofuscada*

*Por conveniência censuram a história nos manuais de escola*

*E sobre ela sabemos pouco ou nada*

*Deram-nos um golpe na educação*

*Através de uma reforma em putrefação*

*Agora em todo lado o lado o povo diz então*

*Savimbi tinha razão.*

Na música, ele ainda diz que o MPLA se mantém no poder por meio da proliferação da imagem da paz, “mas essa paz que nos deram não nos satisfaz, porque a miséria aumenta cada vez mais”. Ele ainda questiona a intolerância política e a corrupção, que resulta em construções de obras pouco duradouras. Outro problema apresentado pelo artista é que “o direito de manifestar é ofuscado com chibatadas nas costas”. Essa repressão foi ainda mais sentida por ele a partir de 2015, quando foi preso no caso 15 + 2. Inocêncio relembra que os ativistas presos estavam sujeitos a restrições de escrita, bem como havia recolhidas permanentes de material, para descobrirem o que eles pensavam, mas também para realizar uma tortura psicológica. Desse modo, preferiu por fazer uma “construção mental” de uma música na prisão, decorando-a aos poucos, ao invés de passar para o papel e correr o risco de perdê-la. Outra letra foi feita no Hospital Prisão São Paulo, onde ele foi transferido nos últimos meses de prisão e já era possível ter um pouco mais de liberdade. A música que ele fez como uma “construção mental” na cadeia chama-se “20 de junho” (Drux-P, escrita em 2015, ainda não lançada), em referência ao dia 20 de junho de 2015, quando os ativistas foram presos. A música foi criada em uma das solitárias da penitenciária de Colômboloca, mas ainda não foi gravada. Ele faz relatos sobre o dia na prisão: “20 de Junho, prisão confirmada/ A DNIC me prendeu, mesmo sem ter feito nada/ Granda borrada/ Acusaram-me de Golpe de Estado, mesmo sem ter arma/ Mas não perdi a calma”. Logo em seguida, retrata sobre os demais dias na cadeia: “27 de Junho/ Calômboloca é o meu destino/ Cela

solitária/ Minha mente quase que bloqueia/ Aquelas Celas não tinham condições sanitárias/ Mosquito abunda, condições pra malária/ Semana é a segunda, diretor está na área” (Drux-P, escrita em 2015, ainda não lançada).

Drux-P ressalta na música que nenhum motivo justifica ele estar na cadeia, pois apenas reivindicou por melhores dias para Angola. Assim, segue exemplos de líderes pacíficos, que também estiveram na cadeia em nome de mudanças sociais, tais como “Mandela e Gandhi”. Ele, no entanto, afirma que “nunca quis ser assim, mas a ditadura me corrói até o fim”. Desse modo, considera inevitável evitar a luta, diante de “um governo bruto/ Que é tão astuto, que deixa o monte sumir em luto/ E contudo, abusa o povo em tudo/ Sobe os combustíveis/ Importa Chineses” (Drux-P, escrita em 2015, ainda não lançada). Assim sendo, a prisão ocorreu porque ele nunca se conformou com essa situação e o governo o “trancou numa cela, pisando a própria lei/ E mesmo estando lá, eu nunca me calei/ E estando saturado, então reclamei...” (Drux-P, escrita em 2015, ainda não lançada).

Mesmo diante das dificuldades sofridas, Inocêncio de Brito segue o ativismo cívico, salientando que busca a revolução, tal como mostra na música “Caminhos da Revolução”, quando ressalta no refrão: “Eu ando por esses caminhos da revolução/ Eu trilho esses caminhos da revolução”. Na música, ele ressalta que nasceu no musseque (equivalente à favela), vivendo na miséria e tendo bastante dificuldade para estudar. Desse modo, ele se tornou um “dos manos que se revoltou e por isso disse basta/ Abraçou a luta e pra a revolução não virou a costa/ Adoptando manifestação, música e pintura como formas de revolução/ E se essa cena não muda eu sempre levantarei a mão/ Gritando todos os dias da minha vida viva, Viva a revolução!”. Observando esses versos, é possível perceber que o artista considera a conciliação entre a arte e as manifestações cívicas como meio importante para expressar esse desejo por mudanças sociais.

Questionado se as mudanças no governo angolano, com a transição de José Eduardo dos Santos para João Lourenço, trouxe mais esperança, Inocêncio de Brito afirma que ainda é cedo, mas vê melhorias.

Digamos que temos um presidente novo que mostra uma visão bastante diferente do seu antecessor, mas é preciso não cair na euforia porque até agora só vimos promessas, prisões e exonerações. E a vida da população em geral continua degradante. É preciso exigir mais. Por outra, a aparente mudança de políticas do novo presidente não tem sido acompanhada pelas instituições que mantêm um sistema viciado por longos períodos de anos. Essa questão não tem merecido atenção dos analistas políticos (DRUX-P, entrevista via *Facebook*, 31 de dezembro de 2018).

## Conclusão

O primeiro ponto a se destacar no texto é como a coragem de uns inspira outras pessoas com potencial e revolta semelhantes, a partir da identificação. A coragem dos Filhos D'ala Este, jovens, sem grande estrutura, mas com muita coragem, significou o início de uma trajetória política que marca o cenário atual da cultura e política angolana e merece destaque na história do país.

Os jovens, devido à idade e inexperiência política, não sabiam bem qual estratégia adotar contra o gigante, que é o regime angolano, mas logo mostraram que isso não significava falta de compromisso com a causa. Com o triste impacto da morte de Cherokee, o *rapper* MCK sofreu pressão de todos os lados para parar precocemente com a trajetória musical e essa pressão inclusive veio das pessoas que mais o ama: a sua família. Porém, a postura de continuar e, novamente, a coragem incentivou uma geração de insubordinados.

Com alguns anos de contundentes músicas gravadas, esses *rappers* chegaram à conclusão de que o artista tem sim um papel importante na disseminação de ideias revolucionárias, mas logo entenderam que o lugar ideal do protesto é na rua. Muitos foram os motivos para eles pararem. A cada manifestação, havia novas repressões, que não mais se tornaram surpresas. A coragem para manifestar-se em cada ato não significa falta de medo, mas o entendimento de que o compromisso com a causa é superior a esse medo. Em uma palestra ocorrida em dezembro de 2016, em Coimbra, Portugal, Ikonoklasta afirmou que se “tiver com medo, vai com medo mesmo”.

Foi com essa coragem que enfrentaram a prisão e até alguns deles decidiram fazer greve de fome, a mais duradoura foi a de Ikonoklasta. Essa coragem dos jovens e a capacidade de mudar de estratégia, a partir de uma nova leitura da conjuntura, podem até

não terem sido as responsáveis pela queda do regime, mas certamente contribuíram bastante para essa sucessão presidencial, se tornando um exemplo da importância de acreditar na coragem individual de cada pessoa em busca de mudar um rumo da história que parece ser incontornável.

Como se trata de um texto publicado em uma revista brasileira, o artigo serve também para inspirar e encorajar nas estratégias de luta, diante do crescimento das repressões no país, devido à ascensão do autoritarismo com o governo de Jair Bolsonaro. Ainda em relação ao Brasil, a música de GOG e algumas informações sobre o envolvimento de personalidades públicas (Gregório Duvalier, o então deputado Chico Alencar e a deputada Luiza Erundina) servem para refletir sobre a importância dada pelo Brasil a casos de violações de direitos no exterior, sobretudo em países pobres, com foco nesse caso de detenções dos ativistas em Angola. Em nosso ponto de vista, a preocupação do Brasil com o exterior é bastante tímida e, no pouco que se noticia das repressões no exterior, o foco maior está em países com maior poderio econômico. Repensar isso é fundamental, pois as estratégias internacionais servem para expandir as denúncias em casos de violação, sobretudo quando as violações impossibilitam ou reduzem a liberdade de expressão em âmbito nacional.

O artigo ainda contribuiu na descentralização da imagem de Ikonoklasta/Luaty Beirão como único porta-voz das manifestações e único *rapper* a participar dos atos cívicos. Para ampliar essas vozes, foram apresentadas as contribuições do Movimento Extremista Terceira Divisão e do *rapper* Drux-P. Todavia, os trabalhos desses artistas ainda carecem de investigações mais aprofundadas. Em relação aos ativistas, é importante também observar e analisar as mensagens daqueles que utilizam ferramentas para além do *rap* como forma de denúncia e contestação. Nisso, podem se destacar os livros de Sedrick de Carvalho e Domingos da Cruz ou as atuações em palestras, debates e trabalhos de formação política em que os 17 ativistas contribuíem. Os trabalhos de Laurinda Gouveia e Rosa Conde também servem para inspirar investigações científicas sobre a ascensão da luta feminista em Angola.

Outro aspecto sugerido para futuras pesquisas é a recolha de mais músicas envolvendo o episódio dos ativistas 15+2, buscando dar voz as letras silenciadas no álbum confiscado *15+Duas+Nós*, como também construir um arquivo musical daqueles artistas que conseguiram lançar músicas sobre o episódio em plataformas múltiplas.

Ainda é importante mostrar, em pesquisas futuras, os trabalhos de outros *rappers* de intervenção social, analisando as suas mensagens e realizando cruzamentos que mostrem a importância das suas vozes no debate sobre o cenário político angolano. Entre os nomes a se sugerir estão: Girinha, CFKappa, Rapvolução, Kardinal MC, Pobres 100 Culpa, Khri MC, Kid MC, SSgilo Suburbano, Flagelo Urbano, Eva RapDiva, Brigadeiro 10 Pacotes e Phay Grand, O Poeta. Um último ponto para sugestão de pesquisas futuras pode ser a análise das letras de Ikonoklasta, as quais todas estão disponíveis no livro “Ikonoklasta: kanguei no maiki” (BEIRÃO, 2017). Essa obra foi publicada exclusivamente no Brasil.

#### Referências bibliográficas:

BEIRÃO, Luaty . **Ikonoklasta: kanguei no maiki**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2017.

BLANES, Ruy Llera. **A febre do arquivo. O “efeito Benjamim” e as revoluções angolanas**. In *Práticas da história*, número 3, 71-92, 2016.

CEIC/UCAN. **Relatório Social de Angola de 2016**. Luanda: Angola Catholic University Press.

CRUZ, Domingos João José da. **Da ditadura a democracia – Ferramentas para destruir a ditadura e evitar novo ditador**. Mundo Bantu: Luanda, 2015.

CUNHA, Isabel Ferin. (2013). **(Des)continuidades: O sistema mediático lusófono**. In Cunha, Isabel Ferin.; Castilho, Fernanda.; Guedes, Ana Paula. *Ficção seriada televisiva no espaço lusófono*. Covilhã: LabCom.IFP, 2013.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

GONÇALVES, José. **O descontínuo processo de desenvolvimento democrático de Angola**. Occasional paper series nº10. Lisboa: CEA, 2004.

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. **Purga em Angola**. Lisboa: Texto Editores, 2007.

MORAIS, Rafael Marques de. **Diamantes de Sangue: Corrupção e Tortura em Angola**. Lisboa: Tinta da China, 2011.

SHARP, Gene. **Da Ditadura à Democracia - Uma Estrutura Conceptual para a Libertação. 4ª edição**. Tradução de A.S. Filardo. São Paulo: The Albert Einstein Institution, 2002.

### Sites:

AGUALUSA, José Eduardo. Crónica de uma vitória anunciada. 26 de agosto de 2012. <https://www.publico.pt/2012/08/26/jornal/cronica-de-uma-vitoria-anunciada-25108684>. Acesso em 16 de julho de 2019.

CENTRAL ANGOLA 7311. O caso 15+duas: uma (longa) cronologia. 19 de agosto de 2016. <https://centralangola7311.net/2016/08/19/o-caso-15duas-uma-longa-cronologia/>. Acesso em 16 de julho de 2019.

ESQUERDA.NET. "A tensão vai aumentar até às eleições", alerta Luaty Beirão. 27 de janeiro de 2017. <https://www.esquerda.net/artigo/tensao-vai-aumentar-ate-eleicoes-alerta-luaty-beirao/46664>. Acesso 29 de janeiro de 2017.

ISSUFO, Nádia. Consultora menciona João Lourenço no escândalo das 'dívidas ocultas'. 28 de janeiro de 2019. <https://www.dw.com/pt-002/consultora-menciona-jo%C3%A3o-louren%C3%A7o-no-esc%C3%A2ndalo-das-d%C3%ADvidas-ocultas/a-47270385-0>. Acesso em 16 de julho de 2019.

LUSA. Rapper detido em Lisboa com cocaína na bagagem. 12 de junho de 2012. <https://www.dn.pt/portugal/rapper-detido-em-lisboa-com-cocaina-na-bagagem-2605984.html>. Acesso em 25 de abril de 2018.

MADREMEDIA/LUSA. A luta em Angola 'não precisa de ser nos mesmos moldes para sempre', afirma Luaty Beirão. 26 de abril de 2018. <https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/a-luta-em-angola-nao-precisa-de-ser-nos-mesmos-moldes-para-sempre-afirma-luaty-beirao>. Acesso em 10 de maio de 2018.

MORAIS, Rafael Marques de. O assassinato de Ganga e a impunidade da UGP. 26 de novembro de 2013. <http://makaangola.org/maka-artigo/2013/11/26/o-assassinato-de-ganga-e-impunidade-da-ugp>. Acesso em 03 de março de 2020.

MOZOS, José Pedro. Luaty Beirão responde a polémica sobre João Lourenço: 'O espaço para a fé começa a tornar-se exíguo...'. 29 de janeiro de 2019. <https://observador.pt/2019/01/29/luaty-beirao-responde-a-polemica-sobre-joao-lourenco-o-espaco-para-a-fe-comeca-a-tornar-se-exiguo>. Acesso em 16 de julho de 2019.

NDOMBA, Borrvalho. Agência Lusa. Manifestação de ativistas em Luanda impedida pela polícia. 24 de fevereiro de 2017. <https://www.dw.com/pt-002/manifesta%C3%A7%C3%A3o>

[de-ativistas-em-luanda-impedida-pela-pol%C3%ADcia/a-37710435](#). Acesso em 25 de fevereiro de 2017.

[OLIVEIRA, Susan Aparecida de.](#) O rap e os direitos humanos em Angola. 20 de maio de 2015. <https://www.buala.org/pt/palcos/o-rap-e-o-ativismo-pelos-direitos-humanos-em-angola-parte-1>. Acesso em 03 de junho de 2016.

PÚBLICO. Luaty Beirão recebido pelo Presidente de Angola. Rafael Marques impedido de entrar. 04 de dezembro de 2018. <https://www.publico.pt/2018/12/04/mundo/noticia/rafael-marques-luaty-beirao-serao-recebidos-terca-presidente-angola-1853401>. Acesso em 18 de junho de 2019.

TSF. Luaty animado com PR de Angola. 'Está a meter a mão no ninho dos marimbondos'. 15 de novembro de 2017. <https://www.tsf.pt/internacional/interior/luaty-surpreso-com-joao-lourenco-esta-a-meter-a-mao-no-ninho-dos-marimbondos-8920458.html>. Acesso em 18 de junho de 2019.

